

Identidade profissional, tribo jornalística e dinâmicas divergentes de produção noticiosa: a narrativa de *carreteras* secundárias de Bru Rovira

Mauro de Souza Ventura

Doutor; Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP, Brasil
ms.ventura@unesp.br

Tayane Aidar Abib

Doutoranda; Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP, Brasil
tayane.abib@unesp.br

Resumo

A partir de uma discussão teórica sobre a identidade profissional partilhada pelos membros da tribo jornalística, dedicamo-nos a compreender os saberes específicos que orientam a produção noticiosa da mídia hegemônica, com o intuito de traçar contrapontos e possibilidades alternativas à dinâmica profissional. Com base em um estudo interpretativo das reportagens do jornalista catalão Bru Rovira, compiladas especificamente em dois de seus livros – *Solo pido un poco de belleza* (ROVIRA, 2016) e *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (ROVIRA, 2006) –, delimitamos os elementos da identidade por ele requerida, de ordem de uma contraposição no que toca às competências convencionalmente associadas à figura do jornalista, e sinalizamos os dispositivos narrativos dialógicos, complexos e compreensivos que, inscritos no universo do desacomodamento, conectam-se a esse propósito.

Palavras-chave

Tribo jornalística. Identidade profissional. Desacomodamento jornalístico. Complexidade narrativa. Bru Rovira.

1 Introdução

Toda profissão, diz-nos o autor português Nelson Traquina (2005), é sobrecarregada de imagens, “mas talvez outra não seja tão rodeada de mitos como a do jornalismo.” (TRAQUINA, 2005, p. 65). Porta-voz da opinião pública, defensor da independência e da liberdade, servidor do público, cão de guarda dos poderes instituídos, ou Quarto Poder, são

os atributos destacados no quadro das representações¹ que pairam sobre o grupo e que revestem, assim, a identidade ou o ethos da profissão. Identidade essa, vale mencionar, construída historicamente e reivindicada pelos jornalistas a partir do século XIX, além de convergente com as próprias expectativas sociais sobre a imprensa — em alusão à Denys Cuche (1999), “[...] a identidade é sempre a resultante da identificação imposta pelos outros e da que o grupo ou o indivíduo afirma por si mesmo.” (CUCHE, 1999, p. 196).

O polo simbólico do campo, deste modo, que reúne os valores básicos e fundamentais, “as premissas inquestionáveis sobre as quais assenta sua própria existência” (TRAQUINA, 2005, p. 48), foi assim se consolidando com a expansão comercial do jornalismo informativo e acompanhando o próprio processo de profissionalização da atividade, em consonância com a necessidade de conferir sentido e legitimidade às suas ações no tecido social. A concepção mesma de notícia, a matéria-prima do exercício jornalístico, reflete esse conjunto de referências comuns, construídas em torno do ideal profissional e partilhadas entre os membros da comunidade que o teórico português Nelson Traquina denominou Tribo jornalística². Não à toa, é essa cultura jornalística que também está por trás da padronização da informação nos moldes de “um jornalismo em pacote”, tal qual fala Traquina (2005, p. 26), e que Muniz Sodré (2009) parece concordar quando afirma que “[...] grande parte dos acontecimentos transcorre em pautas ou roteiros já fortemente codificados pela produção midiática.” (SODRÉ, 2009, p. 73).

Na esteira dessas reflexões, então, dedicamo-nos a investigar os valores e interpretações que sustentam a identidade profissional e, conseqüentemente, orientam a rotina produtiva dos meios de comunicação tradicionais, conforme se observa nos manuais de redação e códigos deontológicos, buscando evidenciar contrapontos conceituais e práticos em relação à dinâmica jornalística do repórter espanhol Bru Rovira.

Ao sublinhar os critérios e dispositivos narrativos expressos em seus livros *Solo pido un poco de belleza* (ROVIRA, 2016) e *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (ROVIRA, 2006), esperamos apontar os elementos constitutivos dos saberes específicos do jornalismo de Rovira — a saber: pauta, apuração e entrevista, e redação —, de modo a delimitar a noção de identidade requerida pelo periodista e também lançar, no terreno das possibilidades, formas divergentes e alternativas ao modelo noticioso hegemônico.

¹ Seguindo a linha de Serge Moscovici (1981), entendemos representações sociais enquanto “[...] um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum.” (MOSCOVICI, 1981, p. 181).

² Segundo a definição de Traquina (2005): “Antropologicamente falando, a comunidade jornalística é uma tribo, e as características e ideologia dessa tribo são um fator crucial na elaboração do produto jornalístico.” (TRAQUINA, 2005, p. 190).

2 Identidade profissional e tribo jornalística

As representações, de acordo com Patrick Charaudeau (2006), têm essencialmente três funções sociais intimamente ligadas umas às outras: organizar coletivamente sistemas de valores, que integram os esquemas de pensamento normatizados próprios a um grupo, exibir as características comportamentais do mesmo diante de sua própria coletividade, e, por fim, “[...] encarnar os valores dominantes do grupo em figuras (indivíduo, instituição, objeto simbólico) que desempenham o papel de representantes da identidade coletiva.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 116).

O *ethos* jornalístico, essa “consciência atuante e objetivada de um grupo social” (SODRÉ, 2009, p. 45), sua forma de vida e maneira de agir, foi, assim, sendo construído no compasso do desenvolvimento do capitalismo e de processos que incluem a industrialização, a urbanização, a educação em massa e o progresso tecnológico – condicionantes favoráveis para a emergência da imprensa como *mass media*. Durante o século XVIII, os jornais ainda serviam de instrumento a causas político-partidárias, baseados, sobretudo, em conteúdos opinativos. Na medida em que a atividade se expande comercialmente, com o próprio aperfeiçoamento das rotativas e da fotografia e o surgimento do telégrafo, a notícia se torna não só um negócio lucrativo, mas um elo vital na teoria democrática.

A partir do século XIX, então, o jornalismo agora fundamentado nos fatos passa a se apoiar na noção de prestação de serviços ao público, integrando em seu discurso os ideais de busca da verdade, independência e imparcialidade. Empenhados em conquistar mais autonomia e estatuto social, seus agentes também se associam em clubes e sindicatos, como o *Washington’s Correspondents Clun*, organizado em 1867, nos Estados Unidos, dando início ao processo de profissionalização que consolidaria o campo e às autorrepresentações que até hoje circundam a identidade profissional.

O processo de profissionalização levou à formação de uma panóplia de mitos que constituem o núcleo de toda uma cultura profissional que, defendemos, é partilhada por uma ‘comunidade interpretativa’ transnacional. Ingrediente indispensável da cultura jornalística é todo um sistema de valores que esboçam um retrato bem claro da identidade profissional dos membros da tribo e todo um conjunto de critérios de noticiabilidade que formam toda uma cultura noticiosa, os ‘óculos’ na linguagem de Bourdieu³ (1997), que criam uma ‘realidade seletiva’, o mundo oferecido pelos membros de ‘Novaslândia’. (TRAQUINA, 2005, p. 189).

³ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. Apud Traquina (2005).

Quando fala em comunidade, ou em tribo, Traquina (2005) alude às reflexões da socióloga norte-americana Barbie Zelizer (1993), que pondera, para além dos efeitos da profissionalização do jornalismo, sobre uma dimensão alternativa que o inscreve enquanto grupo interpretativo, cujos membros difundem significados e convenções tácitas, que acabam por produzir indicadores os quais ajudam a compreender como os jornalistas constroem – também em um âmbito informal – narrativas e definições do que é considerado uma prática adequada.

Apoiado em uma investigação comparativa de notícias em cinco jornais, de quatro países diferentes (Portugal, Espanha, Brasil e Estados Unidos), especificamente sobre a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), o autor português depreende a existência de uma cultura noticiosa comum, evidenciando maneiras altamente homogêneas de ver, agir e falar dos membros da comunidade jornalística: os saberes específicos de reconhecimento, procedimento e narração, que caracterizam o agir profissional e orientam o universo da informação midiática que, como bem sublinha Charaudeau (2006), “é efetivamente um universo construído” (CHARAUDEAU, 2006, p. 151).

A noção de tribo jornalística está a ressaltar, deste modo, que estruturas cognitivas, perceptivas e avaliativas – quadros de referências comuns – moldam o produto jornalístico, conduzindo as técnicas de coleta de informação, de elaboração de estruturas narrativas bem precisas e de uma linguagem específica que Traquina (2005, p. 116) chama de “jornalês”. Ainda que os membros da comunidade profissional resistam a qualquer interpretação que se contraponha à teoria do espelho, uma vez que sua legitimidade está assente na crença social que as notícias refletem a realidade, o conteúdo midiático – tal qual reforçam Traquina (2005), Sodré (2009) e Charaudeau (2006) – revela a presença de uma cultura jornalística e de um *ethos* especializado a guiar cada etapa informativa:

A notícia constitui-se como o relato de um acontecimento factual, ou seja, inscrito na realidade histórica e, logo, suscetível de comprovação. Esta implica a construção do acontecimento segundo os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, ou seja, uma prática que comporta apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos, em função da ‘cultura’ jornalística, isto é, do conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional da imprensa. (SODRÉ, 2009, p. 71).

Em outras palavras, o campo profissional tem uma espécie de código de produção de acontecimentos, que resulta do próprio pacto implícito da comunidade e que define a natureza mesma da pauta jornalística. O que será ou não noticiado depende, por assim dizer, daquele primeiro saber específico identificado por Traquina (2005): o de reconhecimento.

Aqui está em jogo o **faro jornalístico** — outra visão idealizada, que ronda a mitologia da profissão, como se o jornalista fizesse parte de uma categoria especial de homens e fosse capaz de perceber o que outros não conseguem —, a operar de acordo com os critérios de noticiabilidade.

Os valores-notícia já foram objeto de estudo de diversos autores⁴, e não faz parte de nossos objetivos aprofundá-los neste artigo. Cabe, igualmente, enfatizar que o acontecimento, tal como nos diz Charaudeau (2006, p. 101), “só pode emergir numa fratura”, ou seja, é selecionado pela instância midiática em função de seu potencial de saliência, que reside ora no notável, no inesperado, ora na desordem. O acontecimento jornalístico versa, assim, sobre rupturas na ordem estabelecida, sobre o que pode provocar desequilíbrios nos sistemas que fundam essa ordem. Não à toa, Mitchell Stephens (1993) lança a provocação:

[...] podemos imaginar um sistema de notícias que desdenhasse o insólito em favor do típico, que ignorasse o proeminente, que dedicasse tanta atenção ao datado com ao atual, ao legal como ao ilegal, à paz com à guerra, ao bem-estar como à calamidade e à morte? (STEPHENS, 1993, p. 34).

O saber específico de procedimento está a se referir aos métodos acionados pelo jornalista para a captação desses acontecimentos noticiosos, como a apuração e a entrevista. Nesse ponto, ressaltamos a herança positivista que, segundo Cremilda Medina (2008), deixou marcas que orientam a prática jornalística até os dias atuais:

Quando se observa o fazer cotidiano do jornalista e a doutrina presente na formação universitária (que data também no fim do século XIX), verificam-se marcas epistemológicas herdadas do *Discurso sobre o espírito positivo*. Ou do espírito comtiano. Senão, vejamos: a noção de real e a relação objetiva com o real; a tendência para diagnosticar o acontecimento social no âmbito da invariabilidade das leis naturais; a ênfase na utilidade pública dos serviços informativos; o tom informativo perante os fatos jornalísticos; a busca obsessiva pela precisão dos dados como valor de mercado; a fuga das abstrações; a delimitação de fatos determinados. (MEDINA, 2008, p. 24, grifo da autora).

Seguidor do *modus operandi* norte-americano, que encontrou no paradigma funcionalista suas maiores inspirações, os comandos que conduzem a operação simbólica do jornalismo brasileiro refletem, portanto, a força do prisma positivista. Sua gramática associa

⁴ Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1965) foram os primeiros a apresentar uma lista sistematizada de valores-notícia. Mauro Wolf (2003), Nilson Lage (2001), Manuel Chaparro (1994), entre outros teóricos da comunicação, também abordaram a noticiabilidade, no âmbito de uma cultura jornalística. Optamos por pontuar, aqui, as formulações de Nelson Traquina (2005) acerca dos critérios de seleção, no subgrupo dos critérios substantivos, que se referem à avaliação direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia: morte, notoriedade (destaque ou visibilidade do ator principal), proximidade (geográfica ou cultural), relevância (impacto do acontecimento), novidade, tempo (atualidade), notabilidade, inesperado, conflito e infração.

a observação objetiva e precisa do real às entrevistas pré-pautadas, estruturadas sob a fórmula de pergunta-resposta, nas quais o profissional corre o risco de se tornar “um porta-microfone ou office-boy das perguntas da redação” (MEDINA, 1996, p. 223). Interessa-se, na vertente oposta de um encontro dialógico (BUBER, 1982), apenas em preencher aspas predeterminadas, de acordo com uma cartilha carreirista-burocrata que também o direciona a se atrelar às fontes oficiais.

As aspas, para a socióloga norte-americana Gaye Tuchman (1993), são também um procedimento estratégico de que se valem os jornalistas para tornar a notícia mais objetiva e protegê-los contra o ataque das críticas, parte da dinâmica que ela nomeou ritual de objetividade: “[...] os jornalistas invocam sua objetividade quase do mesmo modo como um camponês mediterrânico põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos.” (TUCHMAN, 1993, p. 75). Além do mecanismo de citar outras pessoas, isentando-se, pelo menos aparentemente, de qualquer carga subjetiva na notícia, o ritual identificado por Tuchman (1993) inclui a apresentação⁵ de possibilidades conflitais, de provas auxiliares e a estruturação da informação em uma sequência apropriada.

Essa arquitetura noticiosa bem específica constitui o saber de narração partilhado pelos membros da tribo, formatado em função das técnicas textuais de *lead* e pirâmide invertida. Remontando às regras do debate sofisticado, o *lead*, que é também uma fórmula retórica, consiste em responder a perguntas básicas, isto é: quem?, o quê?, como?, quando?, onde? e por quê?, situando no tempo-espço os elementos do fato narrativo. Presume-nos, indica ao investigar Nilson Lage (2005), que “[...] o *lead* encerra o fato principal da série que constitui a notícia.” (LAGE, 2005, p. 73, grifo do autor). A pirâmide invertida, acompanhando esse primeiro parágrafo, continua a apresentar as informações em uma ordem decrescente de importância.

Tal método redacional, incorporado na prática profissional a partir das agências de notícia norte-americanas, na segunda metade do século XIX, para além de facilitar cortes e edições nos textos, compõe o quadro de competências específicas que delinea a identidade jornalística, convergindo com a representação do jornalista como servidor dos fatos.

A imprensa moderna, organizada em fins do século XIX como um campo de produção industrial-capitalista da cultura, pôs em primeiro plano a tarefas de apenas informar o público, assim privilegiando a objetividade profissional das técnicas de texto e o desenvolvimento dos processos mecânicos e eletrônicos de reprodução das mensagens. (SODRÉ, 2009, p. 55).

⁵ Segundo Tuchman (1993), tais procedimentos consistem em localizar e citar fatos suplementares, confrontando versões e encontrando provas e dados que corroborem as informações, de modo a serem aceitas pelo público como verdadeiras e inquestionáveis.

Depreende-se, desta forma, que os agentes dessa comunidade profissional, caracterizada pela partilha de interpretações e valores comuns, acabam por se aculturarem às rotinas da organização, inscritos em um processo de socialização que, na visão do teórico português Jorge Pedro Sousa (1999), pode encerrar o sistema jornalístico sobre si próprio e “levar à manutenção indesejável de um sistema autorreferencial, que vai criando e retroalimentando referências e que se revela nas práticas e nas rotinas, sem se abrir a referências externas que poderiam ser proveitosas” (SOUSA, 1999, p. 91).

Considerando esse panorama teórico inicial, avançamos para uma análise de tom descritivo-interpretativo sobre a dinâmica jornalística do espanhol Bru Rovira, buscando, ao sublinhar os dispositivos narrativos mobilizados por ele na tessitura de suas obras *Solo pido un poco de belleza* (ROVIRA, 2016) e *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (ROVIRA, 2006), delimitar os traços da noção de identidade profissional requerida pelo periodista. Desde já, assumimos que há elementos de seu fazer que sinalizam divergências para com o quadro de referências da tribo, isto é, condutas outras no que se refere aos saberes específicos de reconhecimento, procedimento e narração.

3 A narrativa de *carreteras* secundárias de Bru Rovira

Na linha da provocação de Stephens (1993), comentada anteriormente quando discutíamos sobre o sentido convencional de noticiabilidade jornalística, Patrick Charaudeau (2006), quando também discorre sobre sua acepção de acontecimento, pondera que há aspectos do mesmo que são comumente descartados pela comunidade profissional: “[...] um deles reside em sua regularidade, o acontecimento podendo aparecer no cotidiano social. Daí a incapacidade das mídias em tratar da outra face do dia-a-dia, do verdadeiro cotidiano.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 142). Ora, como salientamos anteriormente, o acontecimento jornalístico que desperta o interesse da tribo significa a ruptura, aquilo que constitui uma diferença sobre um fundo uniforme.

Não por acaso, Muniz Sodré (2009) fala em “marcação”, como que a indicar a necessária conciliação entre fatos e critérios de noticiabilidade, para a configuração do acontecimento jornalístico que ganhará as páginas dos jornais. Os fatos não-marcados, o autor explica, são aqueles “[...] fatos não imediatamente relevantes para o cânone da cultura jornalística, normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia”. (SODRÉ, 2009, p. 76). Poderíamos dizer, dialogando com o romancista francês Georges Perec (2010), que são aqueles fatos inscritos no âmbito do infra-ordinário. Os jornais falam de tudo, menos do dia-a-dia: “O que acontece realmente, o que nós vivemos, o resto, todo o

resto, onde ele está? O que se passa a cada dia, o banal, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o infra-ordinário, o ruído de fundo, o habitual?” (PEREC, 2010, p. 178).

Quem nos fala, me dá a impressão, é sempre o acontecimento, o insólito, o extraordinário: na capa, letras garrafais. Os trens só começam a existir quando descarrilam; [...] os aviões somente concedem sua existência quando são sequestrados [...] como se a vida não devesse revelar-se nada além do espetacular, como se o eloquente, o significativo fosse sempre anormal: cataclismos naturais ou calamidades históricas, conflitos sociais, escândalos políticos... (PEREC, 2010, p. 179).

E quando o interesse jornalístico reside, no sentido oposto à noticiabilidade tradicional, nas personalidades anônimas? Quando, ao embaralhar os conceitos de centro e periferia, privilegia o herói comum, do qual diz o historiador francês Michel Certeau (1994, p. 57), “murmúrio das sociedades de todo o tempo”, sob o reconhecimento da criatividade ordinária pela qual “[...] cada um inventa para si mesmo uma maneira própria de caminhar pela floresta dos produtos impostos”. (CERTEAU, 1994, p. 57). É nesse universo, que aqui denominamos de Desacontecimento, que inserimos o jornalismo de Bru Rovira.

Fundamentada na dinâmica produtiva da jornalista brasileira Eliane Brum (2013), atualmente colunista do *El País Brasil*, cuja escrita noticiosa versa sobre “[...] a extraordinária vida comum, [...] sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou miopia, é interpretado como banal” (BRUM, 2013, p. 13), a acepção do Desacontecimento manifesta esse contraponto, como meio de resistência, ao jornalismo clássico, conferindo protagonismo ao cachorro que morde o homem – em alusão à célebre máxima de que se um homem morde um cachorro, aí sim se tem uma notícia.

A responsabilidade das mídias, adverte Charaudeau (2006, p. 271), reside em suas escolhas – a seleção dos acontecimentos, a identificação das fontes, os modos de tratamento do acontecimento relatado –, e se os meios têm priorizado uma agenda que trata do insólito, nosso propósito é discutir uma cobertura que opta por se colocar à sombra da desordem aparente, inscrevendo-se, portanto, sob a parte saliente do iceberg noticioso. No fundo, é como se o interesse noticioso da matriz do Desacontecimento (VENTURA; ABIB, 2015) operasse às avessas, em código contrário à própria natureza de imprevisibilidade que constitui um acontecimento: se a história da imprensa testemunha uma predileção pela desordem e pelas fontes oficiais, um certo tipo de anti-notícia deve se pautar pelo cotidiano e pela vida do homem ordinário (CERTEAU, 1994).

Nessa perspectiva em que os despercebidos ganham destaque, Bru Rovira (2019) situa sua narrativa, assumindo uma prática jornalística que busca se destacar dos

tradicionais modelos noticiosos ao se interessar por aquilo que ele denomina de pistas secundárias do jornalismo. Em entrevista concedida à autora, o repórter detalha sua proposta jornalística:

Eu prefiro, e faço, um jornalismo de pistas secundárias, no sentido de que o *mainstream* não me interessa. O que me interessa é circular mais pelos lados, por dentro, ou seja, sair do discurso oficial para enfatizar uma prática distinta. E esse modo distinto é também uma provocação. Jornalismo é conhecimento do que ocorre através das pessoas, dos sentimentos e, sobretudo, do escutar. E a ideia de pistas secundárias, para mim, é dar fortaleza a tudo isso que se perdeu na profissão. (ROVIRA, 2019, informação verbal, tradução nossa,).

Trabalhando como jornalista colaborador do programa radiofônico *A vivir que son dos días*, da emissora *Sociedad Española de Radiodifusión* (SER), desde 2012, a carreira profissional de Rovira é, no entanto, marcada por sua atuação como repórter, durante 25 anos no jornal *La Vanguardia*, de Barcelona. Nessa trajetória, consagrou-se na cobertura de pautas sociais e internacionais e reuniu material jornalístico para a publicação dos dois livros elegidos como *corpus* de nossa pesquisa.

Em *Solo pido un poco de belleza* (ROVIRA, 2016), reportagens sobre um grupo de ex-acoólatras que se encontram, todas às quartas-feiras, em um centro de serviços sociais do bairro Ciutat Vella, em Barcelona, manifestam a opção narrativa do periodista pelo homem ordinário, pelo presente banal e talvez monótono que, lembra-nos Michel Maffesoli (1984, p. 153), “[...] não é vazio e homogêneo, mas, ao contrário, é carregado de intensidade que jorra da própria textura do que constitui o cotidiano”. (MAFFESOLI, 1984, p. 153). Nas histórias dos amigos Vittorio, Ramon, Juan Benavente, Juan Carlos, José Antonio, Abdellah e Nordin, Rovira (2016) abre espaço para as lembranças e significâncias desse “bando de poetas” que, para suportar a aspereza dos dias, por vezes fantasiam a realidade. O fantástico e a ficção, afinal de contas, também nos fala Maffesoli (1984), “[...] não possuem outro sentido senão organizar um espaço vital, tornando o cotidiano aceitável” (MAFFESOLI, 1984, p. 67).

Observando Vittorio agora, enquanto esperávamos que chegassem os demais, pensei no que escreve J.M. Coetzee – citando a Platão – a propósito da verdade e dos poetas. Platão acusava os poetas de preferirem sacrificar a verdade ao renunciar à beleza. Mas, se preferiam sacrificar a verdade, argumenta Coetzee, é porque estavam convencidos de que a beleza constitui uma verdade em si mesma. Vittorio e seus amigos, sem dúvida, haviam escolhido o bando dos poetas. E a mim, como repórter, cabia agora contar todas estas histórias. [...] Para conta-las no papel, decidi, finalmente, que tomaria um caminho intermediário. A recriação dos fatos, em si mesma, deixaria fluir como a verdade pessoal de cada um [...] muitas vezes,

é só isso que temos para nos sustentar com certa dignidade e uma pitada de beleza. (ROVIRA, 2016, p. 52, tradução nossa).

Na contramão dos valores positivistas, o repórter espanhol assume, assim, uma narrativa de contornos dialógicos, alinhada à perspectiva filosófica do Eu-Tu, de Martin Buber (1979), e interessada em estabelecer as duas partes em recíproca presença. Para além das fixas estruturas da entrevista enquanto instrumento de captação, deste modo, Rovira se envolve com seus personagens sob a chave de um diálogo possível: seu interesse jornalístico não está nos fatos brutos ou nos fatos puros, mas na apreensão do exercício criativo de cada sujeito na tarefa de organizar o caos existencial em cosmo significativo (MEDINA, 2008).

Poderíamos dizer, em referência a Certeau (1994), que a obra se trata de uma trama das astúcias e táticas sutis, “[...] numa ampla liberdade em que cada um procura viver do melhor modo possível a ordem social e a violência das coisas”. (CERTEAU, 1994, p. 164). Ou, ainda, que pelas histórias de vida de cada um desses personagens – em sua maioria, imigrantes vindos de outros países da Europa e da África –, o que está em jogo é o “sevirol humano”, como diz Cremilda Medina (2014), essa capacidade, sobretudo dos que estão à margem – da narrativa e da sociedade –, de “se virar” e se arranjar com a vida, reinventando-se em situações emergentes.

Estamos a pontuar, neste sentido, uma produção jornalística que, para além da asséptica mediação registrada nos manuais de redação e historicamente consolidada no cerne da cultura profissional, reveste-se de uma mediação autoral e imersiva, em que repórter e fontes vivem experiências comuns no desenrolar dos dias – não apenas no ambiente do centro de serviços sociais do bairro, local em que semanalmente se reúnem, mas também no bar Arri, em que tomam café da manhã juntos, no Hospital del Mar, quando visitam Juan Benavente, ex-legionário espanhol em Ceuta e Melilla, em recuperação após um derrame cerebral em uma noite de embriaguez, nas orlas da praia de Barceloneta e mesmo no restaurante de um amigo do italiano Vittorio, antigo mercenário de guerras africanas e cozinheiro, quando celebram a ceia de Natal.

É interessante, inclusive, observar como Rovira destaca a partilha das refeições em sua narrativa, e mesmo para compor o perfil dos personagens: nas escolhas dos *croissants* e cafés, nas mudanças e repetições dos dias, identifica os gostos e os humores de cada um – mobilizando uma apuração densa em detalhes e atenta às sensações que emanam quando o jornalista mobiliza os seus sentidos: “[...] perceber o real pela escuta, pelo tato, pelo paladar, pela visão e pelo olfato [...]”, sugere Medina (2008, p. 95). O pão, afinal de contas, recorda-

nos Clarice Lispector (1998) em seu conto *A repartição dos pães*, “é amor entre estranhos” (LISPECTOR, 1998, p. 91).

Brindamos pelos ausentes. Pela senhora Eulogía. Por Benavente, que seguia internado em uma residência com vistas à montanha de Tibidabo, já que agora não poderia nunca mais subir a montanha. Brindamos pela senhora Teresa, que pagou pela comida. Fantasiamos um pouco: talvez uma viagem todos juntos, disse Vittorio, a Johannesburg, a Montserrat, disse Ramon [...]. Vittorio me tomou pelo braço e me olhou nos olhos. Estava emocionado. – Sabe quem me ligou hoje pela manhã? – perguntou. – Geraldine – disse. – Minha filha! Da Inglaterra. Desejei a ela um feliz natal, e disse que pensaria nela, que sempre a tenho em meu coração. [...] Expliquei que as coisas por aqui estavam um pouco melhores, e que celebraria o dia na casa de alguns amigos [...] ainda que não tenha sido na casa de alguns amigos, foi entre amigos. Um Natal em família. (ROVIRA, 2016, p. 175, tradução nossa).

Ressaltando a poesia que escapa à brutalidade cotidiana e sublinhando essas singularidades que se tecem para torná-la suportável, muitas das vezes apenas engendradas pelo passado que não se pode mais alcançar, ainda que sejam intermináveis para as mentes que sempre podem fantasiar, os registros de Rovira (2016) fogem à lógica dos binarismos que permeiam a cobertura noticiosa. O olhar dualista de certo e errado, de bem e mal, de violão e mocinho não dá conta da complexidade da existência: o contraditório, para Maffesoli (1984), é “[...] o lote comum do mundo cotidiano e o figurativo, o imaginal aí estão para prová-lo.” (MAFFESOLI, 1984, p. 112). E complementa: “seja pela alegria artificial, exuberante e fragmentada ou pela distância interior, trata-se de mostrar que a existência não se deixa reduzir ao primário, pois sempre existe um secundário na vida” (MAFFESOLI, 1984, p. 119).

O tecido social, portanto, é o espaço de excelência onde se exprimem os conflitos de valores, um conjunto essencialmente plural que apenas um aparato complexo chega perto de apreender. Os sentidos de permanência e de evasão estão sempre em tensão, e as atas de ritmo previsível dos modelos estanques das técnicas convencionais são insuficientes para abordar esse real pulsante. É por isso que, tendo a prática jornalística de Rovira como ponto de partida para tal discussão, defendemos que a identidade profissional, no âmbito da tribo, integre elementos do pensamento da complexidade – na vertente epistemológica de Edgar Morin (2003).

O teórico francês Edgar Morin (2003) insiste, como contraponto ao paradigma da simplificação, parcial e unilateral, que comanda as nossas operações, na noção originária do termo *complexus* – o que tece em conjunto. Versa, assim, sobre o conhecimento multidimensional, que busca reconectar os domínios separados pelo conhecimento

fragmentado. Alargada ao terreno das dinâmicas jornalísticas, a complexidade enfatiza condutas abertas às múltiplas vozes (polifonia) e aos múltiplos sentidos (polissemia).

Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre as partes. Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana. (MORIN, 2003, p. 24).

Nessa perspectiva de um jornalismo que enseja se assumir complexo, identificamos, também, o marco narrativo da outra obra de Rovira (2006), em questão nesse nosso estudo, *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos*. Desde 1989, o periodista se dedica à cobertura de cenários internacionais, com especial interesse à condição humanitária na África. Situando-se em contextos de crises e conflitos diversos, Rovira (2006) busca resistir ao predomínio do olhar mutilador e unidimensional que, quantos aos fenômenos humanos, como indica Morin (2007), traduz-se na “[...] incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropológica, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária).” (MORIN, 2007, p. 13).

Ao reportar histórias de vida do continente africano, especificamente nos anos 1990, no período posterior à Guerra Fria, Rovira (2006) se situa nas capitais do Sudão do Sul, Juba, da Somália, Mogadishu, da Libéria, Monrovia, e de Ruanda, Kigali, registrando realidades de campos de refugiados e de sobreviventes de conflitos locais. Combinando perspectivas múltiplas, o jornalista transita ora por questões sociopolíticas, ora por experiências intersubjetivas, abordando, inclusive, as problemáticas que marcam o continente em termos de trabalho humanitário e descolonialidade – em relação aos países europeus – como se destaca nessa conversa com Mario, um cooperante italiano, em uma cantina durante sua estada em Juba:

Mario trabalha para um grupo católico que trata de formar pequenas equipes locais, com a intenção de que elas mesmas possam administrar seus assuntos e decidir como empregar a ajuda internacional que recebem. Há, nesta estratégia, uma tentativa de corrigir o conceito de ajuda humanitária como uma forma de colonialismo – eu decido o que a ti te convém e como te convém viver -; mas, é evidente que mesmo esses princípios nascidos da evolução de algumas missões católicas, que chegaram para ‘converter’ os indígenas e hoje preferem falar em projetos de desenvolvimento, não estão isentos de contradições. Mario tinha, aquele dia, vontade de se confessar; depois de uma longa pausa, acrescentou: – Nesta guerra, nós, os trabalhadores humanitários, somos a logística que alimenta o exército. Eles se matam e nós chegamos em seguida aplicando

as bandagens e repartindo a comida. Sem nossa presença, a guerra não poderia se concretizar. O que aconteceria se deixássemos este trabalho? Todos sabemos o que aconteceria: nada pior do que já está se passando (ROVIRA, 2006, p. 50, tradução nossa).

Lançando mais interrogações e vírgulas que pontos finais (KÜNSCH, 2009), há nessa visada uma espécie de cobertura jornalística que, associada à acepção complexa, quer também se mostrar compreensiva, fazendo-se permissiva aos questionamentos, dilemas e contradições, enfim, aos matizes que compõem as diferentes realidades. *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (ROVIRA, 2006), neste sentido, ademais de tratar do abandono e da violência que sofreram alguns países do continente durante a década de noventa, interpelando os países colonizadores sobre as ações e consequências nessas localidades, é lugar de problematização sobre o ofício do jornalista, isto é, a própria identidade profissional:

Em relação a mim, há algo de que nunca me esquecerei: enquanto o avião aterrissava, eu ainda podia sentir o gosto enjoativo do queijo camembert que me havia reservado do voo entre Paris e Djibuti. Pensei: há apenas dois dias estava passeando tranquilamente pelas ruas de Paris, e aqui, em Liboi, as lixeiras de um só bairro da cidade seriam uma festa para esses milhares de refugiados; a máquina do tempo de G.H. Wells não é nenhuma fantasia de ficção; a humanidade não é uma, mas várias, e a distância que nos separa uns dos outros é secular. Mas, por acaso, não somos parte de uma mesma família humana, que compartilha o mesmo tempo histórico e o mesmo espaço na imensidão do universo? Esta é uma pergunta que nos obriga a nos questionarmos sobre a nossa própria posição. O nosso olhar, o olhar do repórter. (ROVIRA, 2006, p. 83, tradução nossa).

Em jogo, assim, está uma prática que enseja se mostrar imersiva e se contrapor às rotinas corporativas da comunidade profissional, cuja dinâmica, pontua Muniz Sodré (2009), “marca” (pauta) o mundo apenas como o visível imediato, “[...] quando dele faz parte, no entanto, o invisível que caracteriza os desejos e as esperanças.” (SODRÉ, 2009, p. 98).

4 Considerações Finais

A responsabilidade das mídias, conforme discutimos neste estudo, e em concordância com as reflexões de Charaudeau (2006) em seu livro *Discurso das mídias*, reside em suas escolhas. A seleção dos acontecimentos, a identificação das fontes, a prática da entrevista e da citação, o modo de contar: cada uma dessas etapas integra o quadro de saberes e referenciais partilhados pela comunidade jornalística, também denominada de tribo. O produto noticioso, assim, ao contrário do que sugere a teoria do espelho, reflete não

a realidade dos fatos brutos, mas um *ethos* jornalístico historicamente construído e intimamente ligado aos polos simbólico e econômico que constituem o campo. Alinhado às demandas comerciais, portanto, um conjunto de representações, inscritos em uma esfera idealizada sobre o ser jornalista, consolidou-se ao longo dos últimos dois séculos e ainda paira sobre o imaginário profissional.

Signatária do positivismo, a cultura jornalística se nutre daqueles atributos que, no compasso da profissionalização da atividade, buscam delimitar o ofício enquanto prestação de serviço ao público ou Quarto Poder, a fim de legitimar e conferir credibilidade às suas ações no tecido social. Longe de descredenciar o exercício jornalístico de sua função social e de sua necessidade para os sistemas democráticos, nosso propósito, com o presente artigo e o percurso teórico-interpretativo nele realizado, foi sublinhar um olhar interacionista para a dinâmica de produção de reportagens, considerando-as enquanto construção, inscritas em uma esfera cultural e de socialização, a qual, no entanto, não é determinista.

Há uma identidade profissional, pertencemos a uma comunidade que compartilha valores e interpretações comuns. Assumimos um modo de ser e um modo de fazer, e é preciso que ponderemos, especialmente cientes de que a identidade é um processo social dinâmico, que um *modus operandi* estanque tem seus entraves. Daí que se tome, ainda que como ponto de partida, exemplos de técnicas e valores jornalísticos divergentes, no Brasil e em outros países, que contribuam com miradas alternativas, e que se realizem no contexto de uma mídia hegemônica. É preciso lembrar, por isso, que ainda que nossas análises tenham versado sobre livros do periodista Bru Rovira, esses, na verdade, compilam textos publicados no tradicional jornal catalão *La Vanguardia*, durante as duas décadas em que ele lá trabalhou.

Suas escolhas noticiosas, tal qual procuramos evidenciar na segunda parte dessa investigação, situam-se no universo do que designamos **desacontecimento jornalístico**, a saber: uma predileção por fatos não-marcados pelos critérios de noticiabilidade, conferindo protagonismo ao homem ordinário, manifesta por um aparato narrativo que aciona dispositivos dialógicos, de complexidade e compreensão – tecidos sob uma escritura que também implica e questiona as próprias ações do repórter. A identidade requerida por Rovira, podemos então dizer, é de uma ordem de contraposição no que toca às competências profissionais convencionalmente associadas à figura do jornalista. Sua mediação é imersiva, seu valor-notícia é o cotidiano, em seus traços banais e fantásticos, sua mirada, antes de pretender-se objetiva, reconhece e reporta subjetividades e interferências, e suas técnicas de apuração conduzem registros orquestrados por mais questionamentos que conclusões.

O dado social, afirma Michel Maffesoli (1984), em seus aspectos mais comuns, é potencialmente rico de imensas possibilidades e, através do jogo dos encontros, “[...] pode provocar situações e momentos particularmente intensos [...]” (MAFFESOLI, 1984, p. 27). É nesse emaranhado, defendemos, que o jornalismo e o jornalista devem se imbricar.

Financiamento

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. Apud Traquina (2005).

BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago, 2013.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura em Ciências Humanas**. Bauru: Edusc, 1999.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari. The structure of foreign news. **Journal of Peace Research**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 64-91, 1965.

KÜNSCH, Dimas. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 41-50, 2009.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: UFSC, 2001.

LISPECTOR, Clarice. A repartição dos pães. In: LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. cap. 13, p. 81-91.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem**: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOSCOVICI, Serge. On social representation. In: FORGAS, Joseph P. (ed.). **Social cognition**. London: Academic Press, 1981. cap. 8, p. 181-209.

PEREC, Georges. Aproximações do quê? **Alea**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 178-180, 2010.

ROVIRA, Bru. **Áfricas**: cosas que pasan no tan lejos. 2. ed. Barcelona: RBA Libros, 2006.

ROVIRA, Bru. **Solo pido un poco de belleza**. Barcelona: Ediciones B, 2016.

ROVIRA, Bru. Entrevista (out.2019). Entrevistador: Tayane Aidar Abib. Barcelona, 2019. 1 arquivo.mp3 (420min).

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra: Minerva, 1999.

STEPHENS, Mitchell. **Uma história das comunicações**: dos tantãs aos satélites. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005. v. 2.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Veja, 1993.

VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. A notícia como desacontecimento: possibilidades de inovação a partir das narrativas de Eliane Brum. **Comunicação Midiática**, Bauru, v. 10, n. 3, p. 135-150, 2015.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZELIZER, Barbie. Journalists as interpretative communities. **Critical Studies in Mass Communication**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 219-237, 1993.

Professional identity, journalistic tribe and divergent dynamics of News production: the narrative of secondary roads of Bru Rovira

Abstract

Based on a theoretical discussion about the professional identity shared by members of the journalistic tribe, this article is dedicated to understanding the specific knowledge that guides the news production of the hegemonic media, in order to draw counterpoints and alternative possibilities to the professional dynamics. Based on the reports of the Catalan journalist Bru Rovira, specifically those of two of his books – *Solo pido un poco de belleza* (ROVIRA, 2016) and *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (ROVIRA, 2006) –, we delimit the elements of the identity that he requires, in order of a counterpoint to the competencies conventionally associated with the figure of the journalist, and we signal the complex and comprehensive dialogical narrative devices that, inscribed in the universe of the unhappenings journalism, connect to this purpose.

Keywords

Journalistic tribe. Professional identity. Unhappenings journalism. Narrative complexity. Bru Rovira.

Recebido em 10/01/2019

Aceito em 11/11/2019